

## Clube de leitura online: uma experiência ciberfeminista na educação

*Online Reading club: an cyberfeminist experience in education*

*Club de lectura online: una experiencia ciberfeminista en educación*

Raquel Silva Barros

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

raquelsb23@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1257-0874>

Edméa Oliveira dos Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-1257-0874>

### RESUMO

O ciberfeminismo compreende a luta de mulheres e aliados na cibercultura contra diferentes formas de opressão e silenciamento de corpos, vozes e subjetividades femininas, o que implica em autorias individuais e coletivas que se materializam em diferentes dispositivos. Será apresentado o Clube de leitura online estruturado por Manuela D'Ávila, campo de pesquisa deste estudo, em sua sexta oferta que contou com leituras de obras brasileiras escritas e protagonizadas por mulheres. Adotando como perspectiva epistemológica e metodológica a pesquisa-formação na cibercultura atrelada à etnografia online, foi realizado um estudo que buscou compreender o feminismo negro a partir da leitura e discussão da obra *Úrsula no Clube* em questão. Destacamos alguns apontamentos que nos auxiliam a pensar no feminismo sob a perspectiva antirracista, refletindo sobre as narrativas que emergiram a partir do encontro com as participantes nas interfaces utilizadas para interação e debate.

**Palavras-chave:** Clube de leitura online. Pesquisa-formação na cibercultura. Ciberfeminismos.

### ABSTRACT

*Cyberfeminism comprises the struggle of women and allies in cyberculture against different forms of oppression and silencing of female bodies, voices and subjectivities, which implies individual and collective authorship that materializes in different devices. The online reading club structured by Manuela D'Ávila, the research field of this study, will be presented in its sixth offering, which featured readings of Brazilian works written and starring women. Adopting research-training in cyberculture linked to online ethnography as an epistemological and methodological perspective, a study was carried out that sought to understand black feminism based on the reading and discussion of the work *Úrsula no Clube* in question. We highlight some notes that help us think about feminism from an anti-racist perspective, reflecting on the narratives that emerged from the meeting with the participants in the interfaces used for interaction and debate.*

**Keywords:** Online reading club. Research-training in cyberculture. Cyberfeminisms.

## RESUMEN

*El ciberfeminismo comprende la lucha de las mujeres y aliados en la cibercultura contra diferentes formas de opresión y silenciamiento de los cuerpos, voces y subjetividades femeninas, lo que implica una autoría individual y colectiva que se materializa en diferentes dispositivos. El club de lectura en línea estructurado por Manuela D'Ávila, campo de investigación de este estudio, será presentado en su sexta edición, que contó con lecturas de obras brasileñas escritas y protagonizadas por mujeres. Adoptando como perspectiva epistemológica y metodológica la formación en investigación en cibercultura vinculada a la etnografía en línea, se realizó un estudio que buscó comprender el feminismo negro a partir de la lectura y discusión de la obra Úrsula no Clube en cuestión. Destacamos algunos apuntes que nos ayudan a pensar el feminismo desde una perspectiva antirracista, reflexionando sobre las narrativas que surgieron del encuentro con las participantes en las interfaces utilizadas para la interacción y el debate.*

**Palabras clave:** Club de lectura en línea. Formación investigadora en cibercultura. Ciberfeminismos.

## Introdução

Diferentes práticas sociais emergem nos/com os cotidianos através do uso e apropriação das tecnologias digitais em rede por praticantes culturais<sup>1</sup>. O presente texto aborda a compreensão da maneira como sujeita/e/os que participaram do “Clube de leitura da Manu<sup>2</sup>” dialogam sobre o feminismo negro a partir da leitura da obra Úrsula.

A atuação dos praticantes nesse cenário acompanha as inovações e transformações tecnológicas que afloram, anunciando novos modos de produzir e compartilhar conhecimentos em rede na cibercultura. A cibercultura é a cultura contemporânea relacionada aos processos comunicacionais de produção e circulação de informações e saberes em rede na interface cidade-ciberespaço (Santos, 2019).

Atreloadas às práticas cotidianas ciberculturais estão as narrativas de praticantes que se encontram geograficamente dispersos e que (co)criam redes de

---

<sup>1</sup> Para Santos “os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa” (2019, p. 20).

<sup>2</sup> O Clube de Leitura da Manu é uma organização que conta com a participação de pessoas que tenham interesse em ler e debater obras escritas e protagonizadas por mulheres. A adesão é paga e acontece através de encontros online.

contato para discussão e debate sobre temas que emergem dos cotidianos, dentre eles, o feminismo. O feminismo é um fenômeno social que coloca em discussão as atividades e as relações sociais das mulheres e tem como objetivo, em linhas gerais, ser “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e a opressão” (hooks, 2022, p. 17).

A representatividade de mulheres no cenário social é marcada por um histórico de desigualdades em diversas áreas do conhecimento. A luta pela obtenção de espaços e pelo reconhecimento de suas conquistas pessoais, políticas e econômicas é marcada pelo confronto com o pensamento e ações sexistas. Na literatura, ocupar um lugar seja como autora ou protagonista é não menos uma conjunção que enfrenta entraves históricos.

A literatura é um campo fecundo para reflexões em torno do contexto social, econômico e histórico de um corpo social. No atual cenário sociotécnico, percebemos uma crescente discussão a partir da (auto)reflexão em torno da mulher em nossa sociedade. Sua atuação, produção e formas de ser e estar a partir dos cotidianos fazem parte da interação comunicativa de praticantes culturais no ciberespaço. Nesse sentido, clubes de leitura são ambientes profícuos para encontro, leitura coletiva, estudo e debate de ideias sobre uma obra.

No ano de 2021, registrou-se um aumento<sup>3</sup> significativo pela procura por clubes de leitura por assinatura. Ressonâncias dessa procura estão relacionadas à pandemia de Covid-19 em que diversas livrarias tiveram suas portas fechadas e, uma das alternativas como tentativa de aquecer o mercado editorial<sup>4</sup>, foi o investimento em clubes de leitura online.

Como forma de compreender esse fenômeno e suas apropriações pelos praticantes culturais, acompanhamos e participamos do “Clube de leitura da Manu”, organizado e liderado por Manuela D’Ávila<sup>5</sup> no primeiro semestre de 2023. O clube

---

<sup>3</sup> Fonte: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/clubes-de-leitura-por-assinatura-crescem-na-pandemia-e-alcancam-novos-publicos/>> Acesso em 21 jan. 2024.

<sup>4</sup> Fonte: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2022/07/clubes-de-livros-por-assinatura-crescem-e-sao-aposta-do-mercado-editorial/>> Acesso em 21 jan. 2024.

<sup>5</sup> Manuela D’Ávila é jornalista, política e escritora. Brasileira, filiada ao Partido Comunista do Brasil, Manuela foi deputada federal e estadual no Rio Grande do Sul e candidata à vice-presidência da República no ano de 2018.

encontra-se em sua oitava<sup>6</sup> oferta e tem como proposta a leitura e debate de livros de cinco autoras mulheres brasileiras que utilizam em suas obras mulheres como protagonistas. Buscamos apresentar a compreensão das discussões travadas sobre o feminismo interseccionado com o racismo em um dos romances estudados, a obra Úrsula <sup>7</sup>de Maria Firmina dos Reis, no clube de leitura em questão.

Lançamos um olhar para compreendermos de que maneira nós, praticantes culturais, participantes do clube de leitura, compreendemos o feminismo negro a partir da leitura e discussão da obra em questão escrito por uma mulher negra e tendo como protagonismo na história também uma mulher negra. Que diálogos emergem a partir da leitura da obra? Como percebemos nessas conversas aspectos que dialogam com as discussões sobre o feminismo negro? O que entendemos/aprendemos com essa experiência?

Para tanto, o campo teórico-metodológico de estudo é a pesquisa-formação no contexto da cibercultura (SANTOS, 2019) que se desenvolve a partir da abordagem multirreferencial que entende a necessidade de uma leitura plural das práticas, das situações e fenômenos sob diferentes prismas articulados a um complexo de referências (ARDOINO, 2012). Atréamos a essa abordagem a etnografia online (SEGATA; RIFIOTIS, 2016) como forma de apresentar as narrativas dos praticantes participantes do clube que se deram a partir de discussões no *Instagram*.

A estrutura do artigo está consolidada da seguinte forma: parte-se da apresentação do texto para posteriormente adentrarmos na primeira seção em que apresentamos o clube de leitura e as obras estudadas; a segunda seção, versa sobre a pesquisa-formação na cibercultura em espaços multirreferenciais atrelada à noção de etnografia online em contextos ciberculturais; na terceira seção dissertamos sobre o feminismo negro; discorremos, na quarta seção, sobre os diálogos protagonizados pelas participantes do clube com as leituras das obras em questão

---

<sup>6</sup> Em janeiro de 2024 o Clube oferta sua oitava edição.

<sup>7</sup> Link para acesso à obra em domínio público:

<<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>

Acesso em 25 jun.2023.

em tessitura com os estudiosos com os quais trazemos para diálogo neste estudo; por fim, indicamos alguns apontamentos que culminam para pensarmos em uma educação que considere a importância de pensarmos no feminismo atrelada à perspectiva antirracista, refletindo sobre as redes sociais como interfaces potenciais para interação e debate.

## Clube de leitura online e a obra estudada

**Figura 1** - Recorte de uma notícia de jornal sobre a obra *Úrsula* retirada na página da Flip 2022



Fonte: <https://www.flip.org.br/flip-2022/autora-homenageada/> Acesso em: 22 out. 2023

A primeira obra escolhida estudada no clube foi *Úrsula* da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. Considerado o primeiro romance abolicionista de autoria feminina escrito no Brasil, trinta anos da abolição, *Úrsula* foi publicado em 1859. Fazendo uma dura crítica à escravidão em seu livro, Maria Firmina inaugura a temática que só seria observada anos mais tarde em obras de outros autores.

A escolha dos livros para serem lidos no clube foi realizada previamente pela mediadora e sua equipe. A tradição do clube se constitui pela leitura de obras escritas por mulheres. Para esta edição do clube, foi realizada uma seleção de obras escritas por mulheres e que possuem como protagonistas em seus enredos a mulher que, de diferentes formas, atravessaram as ausências para alimentarem-se das

existências. O intuito foi trazer para a discussão o protagonismo feminismo escrito e publicado em diferentes épocas de nossa história.

O clube conta com uma organização e estruturação prévia da forma como será conduzida a leitura, bem como um espaço de convivência e aprendizagem que se utiliza de interfaces interativas, mídias digitais e redes sociais. Clubes de leitura são organizações que realizam reuniões com um caráter lúdico, político, artístico, social e literário. Pessoas com interesse em comum pela leitura de livros, se encontram para debater, ler e compreender aspectos presentes em um determinado livro escolhido para a leitura.

Através do ciberespaço, essas ações são ampliadas e potencializadas pela possibilidade do uso do digital em rede. Pessoas geograficamente dispersas compartilham saberes produzidos na cibercultura, construindo uma rede de aprendizagens e formação. A interação entre os praticantes culturais do clube acontecia em uma dinâmica de encontros semanais síncronos (em tempo real) e interações assíncronas (em diferentes tempos), com uma leitura de um livro por mês.

O primeiro encontro síncrono para debate sobre a obra se deu no dia 23 de janeiro de 2023 pelo *Instagram* do clube<sup>8</sup>, sempre conduzido por Manuela D'Ávila. Sobre a obra, tivemos três encontros através do *Instagram*<sup>9</sup> e um encontro através da plataforma *Zoom*<sup>10</sup>. Em média cem participantes assistiam ao debate e, para conversar com a mediadora dividindo a tela por vídeo, é necessário solicitar um pedido. Nesse diálogo, cerca de quatro a cinco participantes conversavam com Manuela por encontro trazendo apontamentos sobre a leitura realizada além dos debates travados no *chat* da plataforma pelas demais participantes. O último encontro é aberto ao diálogo entre a mediadora e uma convidada especialista na obra da autora em questão, que responde aos questionamentos e dúvidas realizados

---

<sup>8</sup> *Instagram* do Clube: <https://www.instagram.com/clubedeleituradamanu2023/>

<sup>9</sup> O *Instagram* é uma rede social em que usuários podem realizar o compartilhamento de vídeos e fotos online. Link para acesso: <<https://www.instagram.com/>>

<sup>10</sup> A plataforma *Zoom* é uma plataforma de serviços de reuniões remotas em que é possível realizar videoconferências, chat e colaboração entre os participantes. Link para acesso: <<https://zoom.us/pt>>

pelos participantes através do *chat* e pela interação em vídeo de três participantes na tela.

**Figura 2-** Instagram do Clube da Manu 2023



Fonte: <https://www.instagram.com/clubedeleituradamanu2023/> Acesso em: 22 out. 2023

**Figura 3 -** Calendário de encontros para debate do primeiro livro



Fonte: <https://www.instagram.com/clubedeleituradamanu2023/> Acesso em: 22 out. 2023

De maneira assíncrona, debatemos, sem a mediação de Manuela, através de um grupo no aplicativo de mensagens *Telegram*<sup>11</sup> durante toda a oferta do clube. Há algumas mediadoras que respondem a questionamentos pontuais, mas o debate

<sup>11</sup> *Telegram* é uma central de mensagens instantâneas que armazena os conteúdos em nuvem. Está disponível em aplicações web ou aplicativos para dispositivos móveis. Link para acesso: <<https://web.telegram.org/k/>>

permanece livre a todo o momento entre as participantes. Há ainda a Plataforma *Hotmart*<sup>12</sup> que funciona como um repositório de conteúdo com gravações dos encontros, vídeos e sugestões destacados pela equipe organizadora do Clube.

O clube de leitura é pago e isso restringe a participação por quem não pode arcar com os custos. Ainda que se ofereça bolsas para mulheres negras, trans e indígenas são poucas, mas, ainda assim, significativas. Muitas mulheres do grupo, se não a maioria, são mulheres brancas e, muitas revelam interesse em debater e compreender sobre questões sexistas e antirracistas nas obras como motivação para seus ingressos no clube.

A importância de Maria Firmina dos Reis no cenário literário vem sendo abordada com veemência nos últimos anos. Diversos estudiosos e literários destacam sua relevância e necessidade de reconhecimento e valorização de suas obras no cenário artístico brasileiro. Como reflexo desse reconhecimento, no ano de 2022, a Festa Literária de Paraty homenageou a autora em face do ano de seu bicentenário<sup>13</sup>.

O engavetamento da memória da escritora expõe o apagamento histórico presente no campo artístico-literário em que se enaltece a imagem do cânone literário ocidental e suas marcas ideológicas dominantes sustentadas por uma hegemonia branca cisheteropatriarcal.

Após décadas de seu esquecimento, há poucos registros históricos sobre a autora e nenhuma fotografia de seu rosto. A imagem atribuída à escritora que se tem notícia e que circula na Internet se trata, na verdade, da escritora gaúcha Maria Benedita Borman, uma mulher branca. Maria Firmina, de acordo com os poucos registros encontrados, é uma mulher negra, revela o biógrafo da escritora Nascimento Moraes Filho. O desprezo e apagamento de autoras como Maria Firmina dos Reis reflete a marginalização da autoria feminina e, ainda, um embranquecimento de sua imagem revelando, além do sexismo, o racismo presente

---

<sup>12</sup> *Hotmart* é uma plataforma digital que se baseia na compra e venda de produtos digitais online. Link para acesso: <<https://hotmart.com/pt-br>>

<sup>13</sup> Considerando a descoberta da data verossímil do nascimento de Maria Firmina que seria no dia 11 de março de 1822 pela professora Mundinha de Araújo. O ano de 2022, seria, então, o ano de bicentenário da escritora.

no âmbito literário. Neste giro, deparamo-nos e dialogamos com praticantes culturais, que disparam e visibilizam práticas, inventividades e autorias através de seus relatos nos encontros realizados no clube.

## Percursos metodológicos

As concepções e práticas do campo de pesquisa vem sendo ressignificados a partir de transformações históricas e sociais que abrem caminhos para modos outros de percepção e compreensão da ciência moderna. Valorizando a separação entre saberes comuns e saberes científicos a concepção positivista, pautada no enaltecimento do que se pode ver, classificar e quantificar desconsidera modos de compreensão da experiência humana edificando-se em uma tirania de ordem metodológica engessada.

Nesse sentido, buscamos distanciarmo-nos de uma reflexão a partir de categorias fixas para se fazer/pensar a pesquisa, caminhando ao encontro de uma nova ciência para delinear uma pesquisa com rigor outro<sup>14</sup> e que nos possibilite “legitimar outras referências e/ou saberes e conhecimentos”. Outrossim, distanciamos-nos, ainda, do empreendimento da pesquisa de forma extrativista em que o pesquisador adentra o campo com propósitos de absorver dados, narrar sobre o outro desconsiderando-os como praticantes culturais coautores da pesquisa (Santos, 2019).

Operamos teórico-metodologicamente, a partir de nossa implicação política, com a pesquisa-formação na cibercultura compreendendo que as práticas sociais dos praticantes não estão dissociadas de seu processo formativo e para tanto, é preciso (re)pensar a formação a partir de indagações que nos abram possibilidades críticas e incentivadoras para construção de novos paradigmas formacionais e práticas inovadoras.

A pesquisa-formação na cibercultura é um método de pesquisa que investiga fenômenos emergentes no contexto da docência em cibercultura. Produzimos dados em rede e atuamos como praticantes culturais que produz cultura, conhecimentos e

---

<sup>14</sup> MACEDO, 2020.

saberes no ambiente da pesquisa (Santos, 2019). Nesse sentido, interessa-nos compreender os saberes que se constroem no encontro, na partilha, na cocriação enquanto praticantes culturais galgando possibilidades emancipadoras.

Nós do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC), buscamos, através de nossas pesquisas e estudos, compreender as situações que emergem das práticas cotidianas e criar, com autoria, novos dispositivos para fazer/pensar em práticas educativas. Acreditamos que as ações dos praticantes de nossas pesquisas são situações de aprendizagem formativas que emergem a partir de suas autorias vislumbrando diferentes possibilidades.

Pesquisamos “em sintonia com o exercício docente e no ensino que investe na cibercultura como campo de pesquisa” (Santos, 2019, p. 20) buscando transformar, resignificar e inspirar nossas práticas docentes através da pesquisa. Pesquisamos no imprevisível, embrenhando-nos na locomoção genuína do acontecimento em contato direto com o cotidiano. Para tanto, há que se considerar que “não há pesquisa-formação desarticulada do contexto da docência” (Santos, 2019, p. 20).

Pautada na abordagem multirreferencial, a pesquisa-formação com os cotidianos na cibercultura nos convida ao mergulho nas ambiências em que as interações ocorrem e que se revelam em situações formativas. Emergindo dessa submersão, inspiramo-nos pela etnografia online como forma de perceber as itinerâncias, os caminhos, as trilhas que entrecruzam narrativas nas conversas dos praticantes no *Instagram*.

Compartilhamos da premissa que a etnografia “posiciona e situa a cibercultura para o lugar onde ela é produzida e significada cotidianamente, ou seja, nas práticas, experiências e sensibilidades da vida vivida e não daquela imaginada” (Segata; Rifiotis, 2016, p.10). Compreender as práticas situadas e estruturadas na cibercultura bem como as relações engendradas nas relações entre os praticantes culturais constituem o nosso foco de observação. Diante disso, urge considerarmos que

a cibercultura está completamente atravessada pela técnica e que está marcada permanentemente por inovações, no trabalho antropológico

ela se apresenta como uma estabilização que passa a compor o quadro dos elementos a serem rastreados/descritos (Rifiotis, 2016, p. 94).

Em 2020, Edméa Santos e Leonardo Rangel lançaram mão de um novo dispositivo que nos convida a pensar em imersões, em viagens. Viagens que não se efetivam apenas por locomoção geográfica, mas que “fazem-se também no contraponto contínuo dos deslizamentos propiciados pela arte dos cliques nos espaços informacionais em que o existir se torna líquido” (Santaella, 2020, p. 9). Deixamos rastros e seguimos rastros nas redes e nesse entrecruzar de encontros somos apresentados a diferentes dispositivos.

Nessa prerrogativa, hooks nos convida ao desafio de “repensar, artistas e intelectuais negros insurgentes [que] buscam novas formas de escrever e falar sobre raça e representação, trabalhando para transformar a imagem” (hooks, 2019, p.33). E, assim, percebemos que inúmeros clubes de leitura vêm surgindo e se fortalecendo no ciberespaço, o que possibilita a troca de saberes por pessoas geograficamente dispersas através de seus conhecimentos, vivências e experiências únicas.

Entendemos que “novos processos criativos podem ser potencializados pelos fluxos sociotécnicos de ambientes virtuais de aprendizagem que utilizam o digital como suporte, a exemplo do ciberespaço” (Santos, 2019, p.65). Dessa forma, aceitamos o desafio e lançamo-nos na jornada que nos levou a (co)construirmos as narrativas engendradas a partir da leitura de obras de mulheres no referido clube de leitura já que “as redes digitais permitem que estejamos simultaneamente em vários espaços, partilhando sentidos” (Santos, 2019, p. 67). Para tanto, navegamos e entranhamo-nos nos espaços que constituem e estruturam o clube para entendermos essas relações a partir de um mútuo processo formativo.

Nós, praticantes culturais, participamos da sexta edição do clube de leitura como forma de ampliarmos o nosso repertório cultural a partir das leituras de obras escritas por mulheres e, ainda, compreendermos as redes estabelecidas a partir das discussões tecidas no clube. Rede, para nós, “significa que estamos engendrados por uma composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e

conexão que estabelecemos em qualquer ponto dessa grande rede” (Santos, 2019, p. 66).

Lançando, tecendo e destecendo fios, buscamos, a partir da (des)construção, compreender as linhas tênues que nos provocam a pensar nas amarras estruturais que posicionam a mulher negra em um lugar de subalternidade. De que forma, a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, nos convoca a refletir de um outro lugar sobre essa questão?

Nessa perspectiva, investimos na compreensão desta pesquisa a partir do trabalho etnográfico baseado nas interações mediadas por ambientes online tendo como ponto de partida a pesquisa-formação pautada na abordagem multirreferencial lançando mão da etnografia para descrever as situações vivenciadas. Considerando essa descrição como uma “escrita que produz uma visibilidade singular de fluxos, mostrando a pluralidade e hibridação dos agentes em ação” (Rifiotis, 2016, p. 94).

Os encontros que aconteceram no *Instagram*, um dos ambientes de interação do clube, foram o nosso lócus de interação e observação para a pesquisa tendo como recorte o período da primeira obra estudada, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em fevereiro de 2023.

## Ciberfeminismo negro

No lançamento de seu livro “Canção para ninar menino grande”, transmitida pelo *Youtube* em maio de 2023, Conceição Evaristo nos convida a uma extenuante e incômoda reflexão: “Nossa carteira de identidade é o nosso corpo. Para alguns corpos, ela passa sem precisar de nenhuma comprovação. Essa minha carteira de identidade não tem caminho livre. O que esse corpo, o que essa identidade de mulher negra está fazendo ali?”

Essa questão provocativa, que toca, nos faz pensar, assim como Evaristo, o nosso próprio papel na sociedade em que nos encontramos. Nós, mulheres, não brancas, professoras, pesquisadoras encontramos-nos em um processo de formação que não é acessível e mesmo permitido a todas. Partimos de nossa experiência, impactadas com o pensamento de Evaristo, para pensarmos em um contexto mais

amplo sobre formas de pensar, debater e experienciar o feminismo negro através do encontro com obras literárias escritas e protagonizadas por mulheres no encontro mediado pelas tecnologias digitais online.

Vivemos na contemporaneidade o feminismo de quarta onda (Hollanda, 2018) que se caracteriza por uma nova geração política que utiliza estratégias próprias e autônomas empreendendo nas ruas e nas redes um novo contexto de ativismos baseados em narrativas de experiências pessoais que encontram um eco coletivo.

Para tanto, compartilhamos da premissa em nossas pesquisas que as práticas sociais “não são separadas de suas raízes ideológicas e questões identitárias, de gênero, de inclusão social, de tempo, de espaço e de outros aspectos da cultura e, por isso, são lugares de disputa que precisam ser enfrentados e não mascarados” (Fernandes, Santos, York, 2022, p. 97).

Somos mulheres diferentes que vivem contextos diversos de opressão e de luta marcados pelas “avenidas identitárias do racismo, cisheretopatriarcado e capitalismo” (Akotirene, 2018, p. 18). Esse reconhecimento evidencia uma necessidade de, por meio das semelhanças, reconhecermos e evidenciarmos as diferenças existentes entre as mulheres na busca pelo direito de expressar nossas singularidades nos diferentes espaços. Nesse sentido, reconhecemos os feminismos da diferença que, a partir da intersecção de diferentes pautas, vai reivindicar um posicionamento político e social nas diferentes arenas em disputa na sociedade cisheteropatriarcal capitalista.

Destacamos, para este estudo, o feminismo negro que traz como marcação da distinção o enfrentamento das desigualdades, ausências, silenciamentos e violências a que mulheres negras são expostas cotidianamente e que são minimizadas e invisibilizadas em nossa sociedade.

A necessidade de marcar o termo negro ao feminismo se dá pela busca de reconhecimento da diferença abarcando as maneiras específicas de discriminações e preconceitos com as quais as mulheres negras convivem. O feminismo negro é um expoente de uma demanda forjada pela luta de mulheres negras que se organizam desde os anos 80 pelo reconhecimento histórico de lugares do fazer político (Silva,

C., 2018) mas não é um termo que já se usava naquela década e que, tampouco, teve a sua acepção cunhada agora, como nos alerta Cidinha da Silva.

As ações e construções políticas sólidas e transformadoras vêm sendo realizadas há décadas, por meio de debates, ações formadoras, intervenções nas áreas de educação, saúde, cultura, religiosidades, gestão pública, direito, controle social de políticas públicas, imprensa negra, além de ações afirmativas e vivência de manifestações culturais que mantêm acesa a chama das culturas negras e as dinamizam” (Silva, C., 2018, p. 253).

A bandeira de uma expressão comum do feminismo implica uma “visão utópica de sororidade”, como aponta hooks ao justificar a necessidade da hibridação de raça, classe e gênero ao tratar do feminismo em suas obras. Essa utopia apontada pela autora estava “evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracismo séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não brancas” (hooks, 2022, p. 90).

hooks destaca, ainda, a expressão paternalismo colonial como forma de manter em um plano inferior as mulheres não brancas nas lutas que não se resumem a reivindicação por igualdade de gênero. A não descolonização do pensamento em relação ao elitismo, racismo e sexismo contribui para a manutenção da hegemonia da idealização das mulheres brancas, liberais e conservadoras como as únicas ou genuínas em termos de representatividade do feminismo.

Endossando essa prerrogativa, Kilomba (2019) ressalta o perigo que a conceitualização do gênero como único e exclusivo ponto de partida das diferentes formas de opressão pelas teorias feministas já que acabam por ignorar as arbitrariedades que ocorrem não apenas por homens brancos e não brancos a mulheres negras, mas também o racismo exercido por mulheres e homens brancos e suas formas institucionais de manifestação. E isso, significa que, nós, mulheres negras, em linhas gerais “carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe” (hooks, 2019, p. 45).

O crescimento da atuação de jovens mulheres negras feministas no cenário atual é marcada pela utilização intensa das redes sociais digitais exponenciando suas vozes e fomentando autorias e engajamentos. A utilização de múltiplos

artefatos e interfaces digitais possibilitam o encontro de pessoas de diversos locais em espaços virtuais com a finalidade de narrar suas vivências e, juntas, construir um processo de compreensão das experiências pessoais e coletivas.

Essas relações são práticas sociais heterogêneas e complexas que exigem um esforço de escuta, troca e compreensão das diversas camadas que encobrem e aliam as narrativas sexistas à questões de raça e de classe. A partir dessa interação coletiva é possível se pensar em construções socialmente edificadas que reverberam um cenário de interdições e violências contra as mulheres interseccionando as opressões.

Diante disso, torna-se necessário pensarmos na “exploração meticulosa da força mobilizadora dos relatos pessoais, um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede” (Costa, 2018, p. 46). A necessidade aqui se impele em interseccionar questões de gênero, raça e classe a partir do (re)conhecimento e estudo de obras que pensam o colonialismo como forma de identificar atos de supremacia branca mantenedor de um racismo internalizado.

As respostas ofertadas à matriz colonial não são consideradas necessariamente um problema, como nos diz Akotirene, contudo, é importante pensar “em quais metodologias usamos para formular tais respostas, e, não raro, enveredar para uma dependência epistemológica da Europa Ocidental e Estados Unidos<sup>15</sup>, a exemplo do feminismo universal” (Akotirene, 2018, p. 31). E em complemento a esta ideia é também “saber se é possível para o negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo que tanto o aproxima do comportamento fóbito” (Fanon<sup>16</sup>, 2020, p. 65).

hooks (2019) defende a ideia de que para combatermos as dores, lesões e cicatrizes marcadas pelo colonialismo devemos ser capazes de nos engajarmos na batalha pela transformação das imagens representativas de nós mesmos.

---

<sup>15</sup> Akotirene (2018) nos faz um alerta para pensarmos na orientação geopolítica da interseccionalidade em diálogo com as Epistemologias do Sul. Sobre as feministas negras estadunidenses ela nos alerta que essas intelectuais refletem experiências pós-coloniais diaspóricas como nós que estamos geograficamente no Sul Global.

<sup>16</sup> O livro foi publicado pela primeira vez em 1952. Diante de sua notória qualidade de produção e importância vem sendo lançado em inúmeras edições.

Compreender-nos, habitar-nos, inquietar-nos, reconhecer-nos como praticantes culturais humanizados.

Para estabelecermos diálogos e compreensões sobre os fenômenos que emergem dos cotidianos, uma noção cara e importante é escutar e ter a possibilidade de contar nossas histórias para dar lugar à alteridade. Sem a pretensão de “dar voz ao praticante” já que essas eles já as têm, mas de trabalhar com a ética.

Skliar define, dentre as inúmeras noções que a palavra comporta, o significado de “ética como reconhecimento do outro, a acústica do escutar suas histórias, a sensibilidade ao frágil, a resposta singular, a busca da própria voz” (Skliar, 2019, p. 13). Nessa direção, a possibilidade do encontro através do clube de leitura proporciona a interação e o debate intercambiando as nossas vozes, histórias, sentimentos e autorias femininas a partir do diálogo com a literatura utilizando interfaces que promovem a interação online.

### **“É uma tristeza a gente não ter esse livro na época da escola”: reflexões sobre Úrsula**

*“Quando mulheres do povo como eu nos dispomos a escrever, estamos rompendo com um lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra pode cantar, pode dançar, pode cozinhar, pode se prostituir, mas escrever, não” (Evaristo, entrevista no programa espaço público TV Brasil, Youtube).*

O ato de ler é comumente uma prática solitária já que o leitor se isola e realiza sua leitura para estabelecer uma conexão com o livro. No clube, ampliamos essa percepção abrindo caminhos para outras possibilidades. A leitura conjunta com a mediadora e as demais participantes do clube nos ajudou a perceber elementos que poderiam ter sido não observados na leitura individual. Nos sentimos instigadas e curiosas a avançar e, até mesmo iniciar ou não desistir da leitura a partir de seus comentários sobre a leitura da obra.

Com o cuidado de não contar antecipadamente o que as outras participantes ainda não tinham lido, as trocas, as sugestões, as diferentes imersões nas entrelinhas nos fizeram mergulhar no campo literário sem o peso da leitura obrigatória que, por vezes, faziam nos afastar da literatura nos tempos em que frequentávamos a escola.

Debater a obra de Maria Firmina dos Reis foi um desafio e tanto para nós, pesquisadoras praticantes culturais, e, ao que percebemos no diálogo com as demais praticantes do clube de leitura, foi desafiador também para as outras leitoras do clube. A obra instigou as participantes diante das noções já trazidas por Firmina naquela época. A primeira obra trazida para o clube nesta primeira oferta contou com debates intensos e que nos provocaram, já de início, a sair de nosso lugar de conforto e na desconstrução de lugares-comuns e preservado de nossa percepção. Ao mesmo tempo que é marcadamente temporal, já que a obra foi publicada em 1859, parece-nos atemporal em diversas situações vividas pela protagonista da história.

A temporalidade estava presente na linguagem da época em que foi escrita e que, para nós, ainda que em sua maioria, leitoras, tornou-se um grande entrave para a fluidez da leitura. Sua linguagem, para nós, em 2023 é difícil tendo em vista que a construção da escrita se dá de forma diferente bem como há uso de termos e expressões que não permeiam mais nosso vocabulário contemporâneo. Mas, um aspecto revelou-se instigador nas falas das participantes e que nos chamou a atenção durante a primeira semana do clube: o debate sobre a escolha da obra e da autora.

Para algumas participantes acostumadas a lerem obras do período do Romantismo, a comparação da obra de Úrsula com as do escritor José de Alencar foi suscitada. No entanto, a comparação, ainda que se tratasse de autores contemporâneos, foi debatida e apontada, tanto pela mediadora quanto por outras participantes como descabidas. Os pontos de divergência se dão, primeiro, por José de Alencar ser um defensor da escravidão e, Maria Firmina dos Reis, uma abolicionista, crítica exatamente a esse tipo de conduta. No sentido político, a mediadora afirma, ser este livro, o mais especial do clube já que é um romance que possui uma grande importância para a nossa história por ser um livro visionário em organizar ideias abolicionistas antes mesmo do abolicionismo.

Em uma das discussões, uma participante, ao conversar com a mediadora diz: *“a gente é muito desvalorizada pelas coisas que a gente faz, escreve e produz, né?!”*. Outra participante corrobora com sua afirmação, acrescentando que ainda há o

aspecto de que “mulheres leem mais mulheres” e que “as mulheres são muito menos prestigiadas”.

Em se tratando de obras escritas por mulheres negras esse lugar se torna ainda mais desafiador. Refletimos, em nossas discussões, sobre a dificuldade que Maria Firmina sofreu para ter seu livro publicado. Em seu prólogo, a própria autora confirma a nossa reflexão e, vai além:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. **Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros**, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. **Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados**, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 1859, p. 11, grifo nosso).

Escrito há 150 anos, Maria Firmina descreve a situação da luta por reconhecimento e prestígio das mulheres naquela época e que ainda se inscreve de forma atualizada quando olhamos para as nossas demandas de hoje, ainda mais quando se trata de uma mulher negra. Conceição Evaristo, escritora negra que teve sua trajetória literária reconhecida tardiamente<sup>17</sup>, revela na abertura de seu livro Ponciá Vicêncio essa mesma dificuldade apontada por Maria Firmina há mais de um século.

**O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar**, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, **o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos**, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. **Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade de autoria**

---

<sup>17</sup> Conceição Evaristo ficou conhecida por seus escritos apenas aos 71 anos de idade e atribui essa questão às diferenças de raça, classe e gênero presentes em nossa sociedade. Em suas palavras “Enquanto você vê outras expoentes na literatura que às vezes são meninas com idade para serem minha neta, mas como vêm de um grupo social diferenciado do meu, são mais jovens, são brancas, têm sua competência logo revelada? Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida? (...) É preciso questionar essas regras e dinâmicas sociais, culturais e econômicas que tornam tudo muito mais difícil para as pessoas negras” (EVARISTO, C. Entrevista concedida ao BBC Brasil em 2018).

**dessas mulheres, mas também a condição étnica e racial.** Entretanto, parece que tempos mais amenos estão chegando, construídos pelos nossos esforços, pela nossa teimosia, pela nossa resiliência. (Evaristo, 2017, p. 8, grifo nosso).

O clube é composto majoritariamente por mulheres. Somos 95% nesta edição. Ainda que haja a presença maciça de mulheres interessadas na leitura e na discussão de obras escritas e protagonizadas por mulheres, percebemos inflamar uma discussão em torno da escolha da obra e sua importância histórica. Algumas participantes questionaram se a obra deveria mesmo ser tratada como uma obra abolicionista com argumentos de uma carência de elementos específicos próprios para ser caracterizado como tal. No entanto, uma das participantes rebate o questionamento:

*A Firmina não preenche critérios de romances abolicionistas, de romance romântico eu acho que é uma covardia depois de ter terminado de ler esse livro porque quem tem poder estabelece os critérios para botar as pessoas dentro dessas caixinhas, né? E eu acho que a Firmina é muito maior do que tudo isso, né? Você vê que ela escreveu um romance no século XIX e ela humaniza pessoas pretas, o que é difícil até para a gente conseguir nos livros atuais algum. Pessoas não estão humanizando pessoas pretas e ela humaniza. (Participante)*

Há ainda a hesitação sobre considerá-la ou não entre os cânones da literatura. Esses questionamentos suscitados vão de encontro exatamente ao próprio reconhecimento da autora da obra sobre sua importância enquanto escritora no período em questão e que se arrastam, ainda hoje, corroborando acima com o pensamento da escritora Conceição Evaristo. Sobre esse status que reproduz episódios de invisibilidade uma participante questiona:

*Tem um monte de gente falando que o texto talvez não seja erudito o suficiente. Erudito para quem? Não tem um erudito da Nigéria, um erudito da Finlândia, um erudito do Japão. É só o erudito eurocêntrico que a gente tá adotando? Então assim... Essa invisibilização e esse apagamento são cruéis demais. A gente percebe isso, né? Quando a gente vê essas redescobertas recentes. E aí você vê que embranqueceram Machado de Assis, embranqueceram a Chiquinha Gonzaga. Embranqueceram a Firmina que nem foto tinha e até botaram uma mulher branca. Uma outra escritora, né?!  
E é o medo da branquitude de perder espaços, né? De permitir essas pessoas lá. Aquele livro da Cida Bento, o pacto da branquitude, que ela fala que é um pacto covarde. É um pacto invisível que as pessoas*

*reproduzem mesmo sem saber para continuar se beneficiando desse sistema, né?! (Participante)*

Reconhecemos a importância de relacionarmos uma obra a quem a escreveu. A relevância histórica da obra de Maria Firmina contém elementos que a elevam a um patamar de importância não só por se tratar do primeiro romance escrito por uma mulher negra no país, mas também por trazer para a cena os personagens negros como protagonistas de suas histórias.

Sobre esse aspecto, a mediadora fez uma intervenção. Ela diz que Maria Firmina escreve essa obra há 150 anos e, para esse período, trazer o personagem negro como protagonista de sua história era um fato não comum para aquela época. Sobre isso, uma participante ressalta:

*Como essa mulher incrível foi apagada e passou por tudo isso a história dela, né?! Pelo embranquecimento, pelo branqueamento. E, talvez, pelas ideias avançadas que ela defendia... talvez isso justifique também esse apagamento, né?! A história fica contada pela versão de quem tem mais força. É muito cruel a gente ver uma mulher desse quilate, com uma obra dessa tenha ficado aí esquecida, né? Entre aspas e que bom que a gente está aqui discutindo e a gente tem condição de reverberar de falar de mulher e mulher negra, né? (Participante)*

A leitura nos convoca a embarcarmos na dimensão de Úrsula como uma mulher que se mantém presa às amarras do patriarcado e do processo histórico de escravização. Se hoje, sua leitura nos estarrece através da potência de sua narrativa e nos coloca a pensarmos sobre todo um processo de humilhação e subjugação de mulheres negras no século XIX, para a época em que fora publicado, a obra era considerada audaciosa pelas questões que eram apontadas, além de tudo por ser escrita por uma mulher também negra.

Como nos lembra hooks, “a maioria de nós foi socializada por pais e mães e pela sociedade para aceitar pensamentos sexistas” (hooks, 2022, p. 41) e sobretudo a acreditar que não há lugar para a autoria negra em nossa sociedade, especialmente as escritas por mulheres. “Em todas as esferas da escrita literária e da bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouca ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero” (hooks, 2022, p. 42).

*Está sendo uma experiência muito legal ter contato com esse tipo de linguagem, mas escrito por uma mulher. E com ideias diferentes da dele,*

*né?! (José de Alencar) A gente sabe que José Alencar era um homem branco, rico, escravocrata, né?! (Participante)*

Diante disso, a leitura de obras como *Úrsula* se torna imprescindível para desmistificarmos esse não lugar de pertencimento da mulher na literatura e para conhecermos os processos discriminatórios engendrados socialmente com escritoras como Maria Firmina que a fez se tornar esquecida por muito tempo em nossa história. Uma das participantes lamenta esse episódio dizendo:

*Me gerou muitas reflexões esse livro. É uma tristeza a gente não ter esse livro na época da escola. A gente vê o quanto a gente perde. (Participante)*

Ultrapassando a inscrição dos personagens negros como protagonistas, Maria Firmina frisa a atuação dos personagens brancos como conservadores de um processo escravagista a partir da hegemonia de suas posições. Tanto o personagem Tancredo, amor verdadeiro de *Úrsula*, quanto o Comendador Fernando, tio apaixonado pela sobrinha, que a deseja ter a qualquer custo, são destacados pelas participantes como mantenedores de uma hegemonia branca.

No entanto, “no momento em que denunciemos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito mais em quem ouve” (González, 2020, p. 43). Uma obra que denuncia questões de exploração e subjugação de pessoas escravizadas e, em especial, a mulher e que anuncia a partir da possibilidade do protagonista ser a pessoa escravizada e que não possui uma voz que fala por ela, mas que se coloca e abre as feridas para serem vistas e não reprimidas e silenciadas sempre será questionada.

Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente é infantilizado, não tem direito a própria voz, é falado por ele. E ele diz o que quer de acordo com seus interesses e valores. No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito, reação de quem ouve só pode se dar nos níveis acima caracterizados (presente na última citação). (González, 2020, p. 43-44).

As crueldades promovidas nos processos de escravização foram fatores importantes de destaque na obra. As pessoas negras são as protagonistas de suas histórias e trazem uma visão sobre o que seria a liberdade a partir de suas experiências vivenciadas. Os brancos, no romance, não falam pelas pessoas escravizadas e não são colocadas em um papel de suas salvadoras. Há, em Úrsula, uma humanização dos personagens e uma apresentação de um cenário de luta para viver através da expressão de seus etnométodos para que isso aconteça.

Um desses expoentes se apresenta a partir da personagem Mãe Suzane, uma negra escravizada, que se destaca apresentando uma posição contrária à sua situação de escravidão, denunciando as situações de barbárie a que eram expostos e as atrocidades vividas durante a travessia em navios negreiros que cruzavam o Atlântico. Ela entoava, na história, as vozes de negras e negros que sofreram nesse processo de escravização em um clamor por liberdade. Além disso, ela estabelece uma relação de sororidade em relação à Úrsula no decorrer do enredo.

*A personagem preta Suzana talvez seja uma das melhores personagens da literatura brasileira. E ela cita a África como um local civilizado, como um local de paz, como um local de lar, como um local de casa e não como um de barbárie. Como lugar de liberdade e não como as pessoas gostam de citar até hoje a África como um local de sofrimento e de barbárie (Participante).*

Podemos considerar, diante da obra lida, das discussões tecidas e do entendimento de seu contexto histórico que Maria Firmina dos Reis foi uma mulher negra transgressora e talvez por isso apagada do cenário literário por um período da história. A luta de mulheres e aliados feministas negros resgata obras e memórias de escritores e escritoras como Firmina e ganha força a partir da potência do ciberespaço que possibilita o encontro com pessoas geograficamente dispersas trocando, experienciando e contribuindo para o fomento de debates sobre temas como esse.

## Considerações finais

A participação no clube de leitura permitiu pensar nos dilemas que mulheres enfrentam cotidianamente a partir de diferentes formas de opressão e nas inventividades e etnométodos para lidarem com diferentes situações. bell hooks

(2022) nos alerta sobre a importância de debatermos as questões do feminismo no dia a dia, esmiuçando as miudezas que atravessam as nossas vidas em diferentes circunstâncias.

Fundamentalmente, buscamos perceber nas narrativas feministas engendradas no clube, as compreensões suscitadas a partir da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, pelas praticantes culturais do clube de leitura coordenado por Manuela D'Ávila no primeiro semestre de 2023, implicando processos formativos por nós, professoras pesquisadoras e praticantes culturais bem como nossas aliadas e aliades no processo.

A riqueza dos encontros suscitados pelas praticantes estabeleceu um círculo de compreensão e (auto)afetos que aumentava e crescia diante de cada leitura e encontro. Praticamos e participamos desses clubes como forma de pensar em nossas próprias experiências agregando e refletindo em novas e diferentes formas de produção através da fruição com nossas leituras.

Permitiu-nos questionar o crivo do cânone da literatura brasileira. Questionarmos sobre: o que nos impede de ler uma obra que não seja um cânone sem ter lido outra do mesmo período em que foi escrita? Quais as amarras que nos fazem construir uma postura de escolher primeiro uma obra que fora um dia consagrada hegemonicamente? Como derrubar os alicerces que segregam e põem obras em lugares de destaque a partir de uma abordagem racista e sexista?

Diante dos apontamentos suscitados, indicamos caminhos possíveis para pensarmos em uma educação que esteja pautada em uma luta feminista e antirracista em seu exercício. Para tanto, apresentamos três eixos centrais que se revelaram essenciais a partir das experiências vividas no clube:

1. *A compreensão das mais diversas formas de violação e opressão* - As situações que os mecanismos de opressão e violência impõe contra as mulheres são inúmeros e acontecem de formas e em contextos variados. Assim sendo, a atualização das formas de violação, intimidação e agressão são essenciais para o entendimento e arranjos de novos mecanismos de luta e combate a esses atos.

2. *A escuta atenta aos relatos pessoais* - Perceber, sentir, escutar as diferentes vozes que sussurram, silenciam, que querem falar, que se mostram através de rostos e corpos através do encontro é de extrema importância na luta de mulheres e aliadas. Diante disso, o acolhimento, compreensão e ajuda se fazem necessários sempre que possível.
3. *A participação em coletivos de leitura como mecanismo de luta* - Clubes e coletivos de leitura são excelentes espaços para o ato de compartilhar e compreender as diferentes formas de violação, subjugação e opressão contra mulheres a partir da leitura de obras escritas e protagonizadas por mulheres. Compreender a própria história para então encontrar-se torna-se possível através do entrecruzar de mãos e vidas que se esbarram nos encontros coletivos.

As narrativas de mulheres em heteroformação na relação *cidadeciberespaço* participantes da sexta edição do Clube de Leitura da Manu esboçaram e interpelaram essas questões, pondo em xeque as estruturas que edificam pensamentos conservadores, racistas e sexistas. Tais proposições se fizeram possíveis a partir das implicações das praticantes culturais aliada às inventividades que propiciam (auto)formações através do uso do digital em rede.

## Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARDOINO, Jacques. Pensar a multirreferencialidade. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sergio (Orgs.). **Jacques Ardoino & a educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012. p. 87-100.
- BARBOSA, Manoela. **Conceição Evaristo no Programa Espaço Público**. [S. l.]: YouTube, 18 jul. 2015. (58min14seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3oeouOXKDbU>. Acesso em: 03 jan. 2024.
- COSTA, Cristiane. Rede. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 43-60.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERNANDES, Teresinha; SANTOS, Edméa; YORK, Sara Wagner. Ciberfeminismos e expressões contemporâneas: pluralidade de vozes e ativismos. In: SANTOS, Edméa; FERNANDES, Teresinha; YORK, Sara Wagner (Orgs.). **Ciberfeminismos e cibereducações**: narrativas de mulheres durante a pandemia de Covid-19. Salvador: Edufba, 2022. p. 75-90. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36098/1/Ciberfeminismos%20e%20cibereduca%C3%A7%C3%B5es-ri.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O grifo é meu. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 11-22.

hooks, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATÉRIA BRUTA. **Canção para Ninar Menino Grande com Conceição Evaristo**. [S. l.]: YouTube, 28 jun. 2023. Podcast (55min02seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pONGbkNzr9o>. Acesso em: 03 jan. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Florianópolis, v. 31, n. 90, p. 85-98, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17666/319085-98/2016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/M6GkRjnsG5zh65pVBVn7vd/?lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SANTOS, Edmea. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. [recurso eletrônico]. Disponível em: [http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA\\_E-BOOK.pdf](http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf). Acesso em: 25 nov. 2022.

SANTOS, Edmea. **Escrevivências Ciberfeministas**: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/escrevivencias->

ciberfeministas-e-ciberdocentes-narrativas-de-uma-mulher-durante-a-pandemia-covid-19/. Acesso em: 03 jan. 2023.

SANTOS, Edméa; YORK, Sara Wagner. In: SANTOS, Edméa; FERNANDES, Teresinha; YORK, Sara Wagner (Orgs.). **Ciberfeminismos e cibereducações**: narrativas de mulheres durante a pandemia de Covid-19. Salvador: Edufba, p. 75-90, 2022. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36098/1/Ciberfeminismos%20e%20cibereduca%C3%A7%C3%B5es-ri.pdf> Acesso em: 22 nov. 2022

SANTOS, Edmea; RANGEL, Leonardo (Orgs.). **O caminhar na educação**: narrativas de aprendizagem, pesquisa e formação. Ponta Grossa: Atena, 2020. [recurso eletrônico]. Disponível em: <http://www.edmeasantos.pro.br/livros> Acesso em 30 nov. 2022.

SANTAELLA, Lucia. Prefácio. In: SANTOS, Edmea; RANGEL, Leonardo (Orgs.). **O caminhar na educação**: narrativas de aprendizagem, pesquisa e formação. Ponta Grossa: Atena, 2020. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://www.edmeasantos.pro.br/livros> Acesso em: 30 nov. 2022.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. Apresentação. Ciberultura e Políticas Etnográficas. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs.). **Políticas Etnográficas no Campo da Ciberultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016. [recurso eletrônico]. Disponível em: [https://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Pol%C3%ADticas\\_Etnogr%C3%A1ficas\\_no\\_Campo\\_da\\_Ciberultura.pdf](https://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_no_Campo_da_Ciberultura.pdf). Acesso em: 03 jan. 2024.

SILVA, Cidinha. Feminismo negro. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.). **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2019.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Paulo Aldemir Delfino Lopes*

**Submetido em 24/04/2024**

**Aprovado em 29/12/2024**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)